

Redacção e administração  
R. de S. Martinho  
Aveiro

# POVO DE AVEIRO

Officina da impressão  
R. de S. Martinho, AVEIRO  
EDITOR, João Pinto Evangelista

SEMAMARIO REPUBLICANO

Numero 6

**Assignaturas**  
AVEIRO—Um anno, 12200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 15300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 22500. Semestre, 11500 réis (fortes).  
**PAGAMENTO ADIANTADO**

**PUBLICA-SE AOS DOMINGOS**

**Publicações**  
No corpo do jornal, cada linha, 30 réis. Anuncios, cada linha, 25 réis. Permanentes, mediante contrato.  
Os ars. assignantes tem desconto de 30 por cento.  
**NUMERO AVULSO, 30 REIS**

**1.º Anno**

## Ainda Dreyfus

Os protestos, que se elevaram da Europa e da America contra a infamia de Rennes, foram, além d'uma consolação para cada uma das almas feridas pela condemnação de Dreyfus, uma prova brilhante de que ainda existe justiça no mundo. Como essas manifestações, como esses ruidosos protestos consolaram, alliviaram do peso que o esmagava, das sombras que o escureciam, o nosso coração afflicto!

Quando recebemos a nova ficção, todos nós que rendemos culto á justiça, que dobramos o joelho á verdade, que votamos amor ao ideal, como um homem que perde inesperadamente a fortuna e a honra. Já esperavamos um pouco aquillo, é certo. O final do julgamento já denunciava a catastrophe. Mas nem assim, tamanha era a infamia! deixou de nos surpreender, de nos fulminar aquella sentença, incompreensível á força de perversa e iniqua.

O primeiro momento foi de espanto. Zola disse bem. O segundo foi de dôr, que desfogámos em lagrimas e imprecações. Este agora é de consolação e alegria. Tal, que chegamos a estimar a condemnação de Dreyfus, a achar bom, agora, aquillo que achámos, não diremos infame, que infame é-o sempre, mas cruelissimo nos primeiros instantes.

Dizia Saint Simon que ha na humanidade periodos de organização e periodos de criticismo. Nos primeiros, os homens acciitam com convicção profunda todos os systems mais ou menos verdadeiros e mais ou menos uteis de crença positiva, crença sob a influencia da qual realisam todos os progressos compatíveis com esses diversos systems. Mas como não tardam a descobrir que lhes falta alguma coisa, succede ao periodo de organização um periodo de desanimo, de critica ne-

gativa, durante o qual a humanidade perde as suas antigas crenças sem adquirir outras novas, voltando a dizer mal e a considerar como falso tudo aquillo que primeiro achava bome verdadeiro.

Não sabemos se, como affirmam alguns publicistas, estamos agora, no mundo, n'esse periodo de negação. Mas estamos, evidentemente, n'uma phase de descrença. Pois a questão Dreyfus teve o supremo merito de nos despertar os velhos enthusiasmos, de nos sacudir, por um instante ao menos, do torpor em que viviamos, de acordar o amor á liberdade, o enthusiasmo pela democracia, que parecia adormecido no mundo.

E' um espectáculo imponente, admiravel, unico, que me feriu o meu espirito, como deve ter ferido o de todos aquelles que empreguem um bocado do seu tempo a meditar, esse do mundo em peso, ou na sua grande maioria, se ter posto, não só do lado da justiça contra a infamia, mas do lado da democracia contra a reacção, o que é muito mais frisante, muito mais significativo.

Todos concordam, na Europa e na America, que a questão franceza era, no fundo, uma questão monarchica e clerical. Pois de toda a Europa e America, principalmente da Europa e da America protestantes, sahiu o repudio contra os manejos clericales e monarchicos, sobre os quaes choveram apostrophes de indignação e sarcasmos pungentes. Vimos jornaes que se dizem conservadores, monarchicos, quasi clericales, arderem em colera sincera contra os manejos da reacção franceza. Não tinham alli o lucro, o interesse vil a arrastal-os para o campo da mentira e mostraram-se taes quaes eram, dando assim uma prova eloquente de que o espirito da democracia penetrou fundo em todos os espiritos das gerações que decorrem.

E, tal foi a influencia d'essa

corrente democratica, que se estabeleceu no mundo, que se pôde dizer desde já que a reacção franceza perdeu a partida.

A condemnação de Dreyfus, que parecia o seu triumpho, venceu-a, aniquilou-a. A republica está mais uma vez vencedora. E ficou de pé, esbofetando o exercito com o indulto, porque o indulto não é outra coisa senão a confissão implicita de que as tramas do exercito foram uma infamia e a sentença de Rennes uma iniquidade revoltante.

A republica está de pé. Mas não é só isso. Ella está de pé e a reacção está de rastos.

Tal foi o poder d'essa onda de indignação que, ao sopro da liberdade e da justiça, passou de um extremo ao outro do mundo civilisado!

Li, ha poucos mezes, um dos ultimos volumes da *Bibliotheca scientifica internacional, A Evolução Regressiva em Biologia e em Sociologia*, no qual os seus auctores pretendem demonstrar que os organismos sociaes seguem as leis evolutivas dos organismos vegetaes e animaes. Assim, em biologia como em sociologia, os orgãos que desaparecem não reaparecem mais, ou, pelo menos, declaram os auctores do livro referido, explanando as suas observações e estudos para o comprovar, que não conhecem exemplos incontestaveis d'essa reaparição. Parece, á primeira vista, que sim, que os ha, principalmente em sociologia. Mas é uma questão de simples apparencia, de fórma externa. A instituição que desapareceu não volta. Reaparece a fórma, o fundo não.

Por outro lado a atrophia das instituições é um facto, realisando-se até com maior facilidade do que a atrophia dos organismos biologicos, porque em biologia a hereditariedade é um factor de grande resistencia, que não existe no mesmo grau para os organismos sociaes, e, ao passo que a selecção natural se limita

a um papel preponderante em biologia, a selecção artificial reina quasi exclusivamente em sociologia.

As instituições que cahem em desuso não reaparecem geralmente nas sociedades novas que se constituem.

Não faltam exemplos a comproval-o. E a questão Dreyfus, deixando vencidas todas as tentativas que se fizeram para restaurar a supremacia de instituições do passado, veio em reforço da these scientifica de que tratamos.

Levantem os espiritos aquelles que desanimam com os manejos da reacção em Portugal e n'outros paizes catholicos, que, se é um crime deixar erguer a cabeça á vibora, crime de que são principaes responsaveis alguns tartufos e velhacos que se dizem democratas, nem por isso o triumpho d'ella deixará de ser ephemero. *O mundo não anda para traz*, como diz o povo na sua linguagem simples.

São os povos latinos que se encontram decadentes, ou são os povos catholicos? São os povos catholicos. Germanica é a Austria e a sua decadencia não deixa de ser um facto. Estava Pio IX na furia das suas reacções quando a espada da Prussia protestante a arremessava, em Sadowa, para o plano secundario em que vegeta. Publicava Pio IX o Syllabus, decretava a sua infallibilidade que fez votar a 13 de julho de 1870. Dias depois começava esse tremendo desbarato da catholica França, que foi uma série continua de vergonhas, e a 20 de setembro do mesmo anno entravam as tropas italianas em Roma mandando á fava a infallibilidade do pontifice.

Irrisoria maneira de ser infallivel!

Emfim, é de bentinhos ao pescoço que os soldados hespanhoes, hontem, mordem a terra e vão para o fundo do mar, dando ao mundo o triste espectáculo

d'uma guerra em que nem sequer succumbem com honra.

Não são os povos latinos, são os povos catholicos que decaem.

A França, que, com a grande Revolução, impulsionou o formidavel movimento intellectual d'este seculo, não tirou ainda o fructo dos seus trabalhos e dos seus sacrificios porque anda, ha cem annos, aos tombos com a reacção, ora o espirito democratico vencedor, ora vencido. Com uma mão, como diz Draper, corou a razão, com a outra segurou o papa no throno. «E essa anomalia, accrescenta aquelle escriptor, não acabará senão quando todos os filhos da França, até ao mais humilde, até ao mais rustico, receberem os beneficios d'uma verdadeira educação.»

A ultima lucta foi a mais temivel d'essa série travada nos ultimos tempos com o espirito reaccionista. Mas, repetimos, a Republica acaba de sahir d'ella triumphante, apoiada, sustentada pelo espirito democratico do mundo inteiro.

E' o grande facto caracteristico da desgraçada questão Dreyfus.

A Republica triumphou; Dreyfus está livre e rehabilitado na consciencia universal.

«A verdade é eterna; não morreu nunca; vive e augmenta sempre.»

Palavras d'Esdras com que o celebre professor de Nova-York fecha o seu excellent livro sobre os conflictos da sciencia com a religião.

Por um trocadilho vulgar sahiu uma asneira no artigo de fundo do nosso ultimo numero. Onde sahiu ... convertendo o systema de governo da Igreja de monarchico em republicano» percebe-se bem que deveria ter sahiu: «... de republicano em monarchico.»

Chegou a Aveiro, vindo de Lisboa, e tem estado entre nós, o nosso amigo e patricio José Henriques Maximo.

rustico saxão só se lhes patenteou como um avarento e um pobretão.

O mordomo sahiu com alguns servos para executar as ordens de seu amo.

— O prior Aymer! repetiu Cedric voltando-se para Oswald; é, se me não engano, o irmão de Giles de Mauleverer, actual senhor de Middleham?

Oswald fez um aceno respeitoso d'assentimento.

— Seu irmão occupa o lugar e usurpa o patrimonio de uma raça melhor, a raça de Ulfgar de Middleham; mas qual é o fidalgo normando que não procede iggalmente? Este prior dizem ser um padre franco e jovial, que prefere uma taça de vinho ao seu breviario, e o som de uma trompa de caça ao dos sinos do seu convento. Pois bem, seja bemvindo. E o templario, como é que se chama?

(6) **FOLHETIM**  
**IVANHOÉ**  
ROMANCE POR WALTER SCOTT  
CAPITULO III

reward ainda corre nas veias de Cedric. Ah, Wilfredo, Wilfredo! exclamou elle em voz baixa, se tu tivesses sabido dominar a tua paixão insensata, teu pae não se veria abandonado na sua idade, como o carvalho solitario cujos ramos quebrados e despidos estão á mercê da tempestade! Esta reflexão pareceu mudar a sua colera em tristeza. Colocando outra vez o chũço no seu logar, tornou a sentar-se, baixou a cabeça e pare-

ceu ficar immerso em pensamentos melancolicos.

De subito Cedric foi despertado da sua meditação pelo soar de uma buzina, ao qual responderam immediatamente os latidos atroadores de todos os cães que estavam na sala e dos que estavam alojados nos outros compartimentos da casa, em numero de vinte ou trinta. Foi necessario o emprego da vergasta, assim como os esforços dos criados para se acalmar aquella furia canina.

— Correi á porta, escravos! exclamou o saxão logo que socegou o tumulto de maneira que os criados pudessem ouvil-o. Ide ver que noticias temos. Provavelmente mais alguma rapinagem commettida nas minhas terras.

Antes de passarem tres minutos um dos guardas voltou a annuanciar-lhe que o prior Aymer de Jorvaux e

o bom cavalleiro Briand de Bois Guilbert, commendador da valorosa e veneravel ordem do Templo, com um sequito pouco numeroso, pediam hospitalidade por aquella noite, indo de jornada para o torneio que devia ter logar d'ahi a dois dias perto de Ashby-de-la-Zouche.

— Aymer! o prior Aymer! Brian de Bois-Guilbert! murmurou Cedric. Ambos normandos! Mas, normandos ou saxões, a hospitalidade de Rotherwood não faz excepções para ninguém. Que sejam bemvindos já que escolheram a minha casa para descansar, comtudo ainda o seriam mais se tivessem seguido o seu caminho.

Mas não era conveniente murmurar por causa do comer e pousada durante uma noite; a sua qualidade de hospedes obrigava-os, mesmo sendo normandos, a reprimirem a sua insolencia.

## Cartas d'Algures

21 DE SETEMBRO.

«De todos esses males o socialismo vos libertará; vinde, pois, a esse supremo consolador, a esse poderoso renovador, que quer dar, a cada ser humano a vida plena no saber, na excellencia moral, no bem estar, na justiça e no amor!» (Benoit Malon—*Précis historique, théorique et pratique de socialisme.*)

Caramba! A felicidade eterna, a felicidade a mãos cheias, a felicidade pura, como se vê.

«Incontestavelmente, quando já não houver ladrões, os policias e as prisões serão inúteis. Quando todos respeitarem os direitos alheios, não haverá necessidade, nem de legisladores para fazer as leis, nem de juizes para as mandar executar. Mas então os homens não serão homens, serão anjos.» (Paul Boilley—*Les Trois Socialismes-Anarchisme-Collectivisme-Réformisme.*)

«Ah! Se eu pudesse partilhar esta convicção, se eu pudesse acreditar na possibilidade de viver n'uma sociedade em que o homem não tivesse de temer o seu semelhante como um animal feroz; se eu me pudesse persuadir de que o socialismo furia desapparecer essas duas coisas terríveis que se chamam a guerra e o crime, eu acabaria por me tornar socialista, apesar da antipathia instinctiva que experimento pelo phalansterio, e apesar da nova situação d'operario em que me acharia collocado. Desgraçadamente, estou convencido de que ainda mesmo que os homens vissem todos n'uma identidade economica perfeita, isto não os tornaria identicos anthropologica e psicologicamente; portanto, haveria sempre maus, arrogantes e oppressores d'um lado e preguiçosos, ociosos e vadios do outro. Haveria, precisamente como na nossa sociedade actual, homens justos e caritativos e homens desonestos e cruéis; homens de bons costumes e homens dados á luxuria e á embriaguez; haveria, enfim, como hoje, temperamentos equilibrados e calmos e temperamentos arrebatados, impulsivos ou nevroticos, como não faltariam indivíduos privados de senso moral e sanguinarios por atavismo. Por conseguinte, nada poderia fazer prevêr nem o fim, nem a attenuação das causas que impellem ao delicto.

Está provado que a criminalidade d'um povo depende de muitas outras causas além das desigualdades economicas entre os cidadãos. A Inglaterra, o paiz talvez onde essas desigualdades são maiores, é tambem aquelle onde a criminalidade decresce constante e rapidamente. E decresce porque a educação moral ali faz sempre grandes progressos; porque não ha por assim dizer creança á qual se não ensinam os deveres de homem; porque não ha por assim dizer familia que não leia aos domingos uma pagina do evangelho. Decresce, diminui porque a opinião publica não perdôa aos criminosos. E esta aversão reflecte-se nas leis, que tem conservado a sua antiga severidade, e nos jurados e nos juizes que as applicam inflexivelmente. O povo inglez não tolera o delicto e eis porque, cada anno, se fecha uma casa de penitenciaría.»

— Brian de Bois-Guilbert.  
— Bois-Guilbert! disse Cedric, ainda n'esse tom meio meditabundo meio discursador a que o tinha habituado o viver entre inferiores e que lhe dava o ar de conversar mais consigo proprio do que com os circumstantes. Bois-Guilbert! é um nome conhecido ao longe tanto no bem como no mal. Dizem que é tão valente como o mais esforçado da sua ordem, mas eivado de todos os vicios habituaes: orgulho, arrogancia, crueldade e concupiscencia. E' um homem de coração duro, que não respeita nem teme coisa alguma, tanto da terra como do céo. Assim dizem os poucos guerreiros que voltaram da Palestina. Ora bem! como é só por uma noite, tambem elle será bem recebido. Oswaldo, abre uma pipa do vinho mais velho, traze o melhor

(Garofalo—*La Superstition Socialiste*—edic. franceza.)

Concordo.

Comprei e li tudo ou quasi tudo que, pró e contra, ha escripto sobre socialismo. E, sem perder nem diminuir as minhas crenças na liberdade, na democracia, nos aperfeiçoamentos da humanidade, sem cahir nas tendencias reaccionarias de Garofalo, não obstante a logica e a razão, muitas vezes, das opiniões do illustre criminologista italiano, reconhecerei quanto ha de nephelibatice e de falta de bases scientificas nas affirmações e conclusões da maior parte dos escriptores socialistas. Declamadores, visionarios, incoherentes, principalmente os collectivistas, que, apregoando a paz universal, a fraternidade, a extincção de todas as causas de reprobção e odio, nem ao menos reparam que tem no proprio socialismo o facho da guerra e da discórdia.

«Por uma especie de similhaça, por assim dizer fatidica, o socialismo, como a burguezia, forma um terno cujos membros, se se unem algumas vezes para marchar ao assalto do inimigo commum, agarram-se, não obstante, pelos cabellos quando chega o momento psychologico de recolher os fructos da victoria. Acabámos de dizer que havia tres socialismos, como ha tres burguezias; mas dissémo-lo para simplificar porque a verdade é que ha um numero infinito de escolas. Pôde-se entretanto, com muita facilidade, reunir o socialismo inteiro em tres typos bem accentuados, nos quaes se podem classificar todas as seitas com alguma notabilidade. E' licito esperar que todas as seitas socialistas venham um dia a reunir-se n'uma só doutrina, apurada, rectificada, com um intelligente electismo que dê satisfacção a todo o mundo? E' uma esperanza acariciada por alguns espiritos pacificos; mas não hesitámos em a considerar como absolutamente chimerica pelo motivo de ser impossivel a conciliação, por mais que o tentem as boas vontades accommodaticias, em certos principios fundamentaes. Estes principios fundamentaes não são numerosos mas ha entre elles uma tal opposição que basta enuncial-os para se comprehender que não ha accordo possivel entre elles, sendo imperioso escolher um, o qual exclue necessariamente os outros.

Em primeiro lugar vem a questão de propriedade. Deve esta ser individual ou collectiva? Vê se bem a importancia d'esta proposição.

O segundo problema é o do papel do Estado na producção. O trabalhador deve ter toda a liberdade para produzir segundo a sua vontade, o seu gosto e o seu capricho, por sua conta e risco? Ou, pelo contrario, o Estado tem o dever de determinar o modo de trabalho, de lhe fixar a extensão, de lhes prescrever a obrigação, e, por ultimo, de lhe repartir os productos?

Seja qual fôr a maneira de encarar estas questões e de as resolver, hão de ser tantas as escolas e as seitas quantos forem os pontos divergentes. E' realmente o que succede e a dissidencia não se limita a separar o socialismo do capitalismo, porque divide igualmente o socialismo creando nas suas fileiras um germen de discórdia.» (Paul Boilley—liv. citado.)

Ora se isto é assim, se realmente

hydromel, a cerveja mais forte, o morat mais delicioso, a cidra mais scintillante, os pigments (1) mais odoriferos; põe sobre a meza as taças mais largas. Abbades e templarios gostam do bom vinho e da boa medida. Elgitha, vae dizer a lady Rowena que a não esperaremos esta noite na sala, salvo se isso fôr do seu especial agrado.

— Mas certamente que isso será do seu especial agrado, respondeu Elgitha vivamente, porque ella ha de desejar ouvir as ultimas noticias da Palestina.

(1) Eram estas as bebidas usadas pelos saxões, segundo informa o sr. Turner. O morat era feito de mel perfumado com sumo d'amoras; o pigment era um licór suave e rico, em que entrava vinho, mel e diferentes especiarias. (Veja a *Historia dos Anglo-Saxões.*)

NOTA DO AUCTOR.

nós estamos vendo todos os dias o anarchismo insultando o collectivismo e vice-versa, insultando-se umas ás outras as proprias seitas do collectivismo, como é que Malon imagina que o triumpho do seu socialismo seria a paz e a fraternidade definitivas? Como é que Bebel (Bebel—*La Femme dans le passé, le présent et l'avenir*—edic. franceza) pretende que deixariam de existir ladrões, vagabundos e assassinos, por não haver propriedade individual?

Pois estes homens, não obstante o seu talento, não são uns puros visionarios com taes e tamanhos disparates?

Seria caso para perguntar a Bebel, como faz Garofalo, se por não haver propriedade rustica ou urbana, ou dinheiro, não haveria o mobiliario, os vestidos e outras coisas que roubar. Seria caso para lhe dizer, como lhe diz ainda Garofalo, que Caim, o primeiro criminoso de que ha memoria, não matou o seu irmão Abel por causa dos bens terrestres, mas por ciumes.

O ciume, a inveja e outros sentimentos maus hão de sempre existir. Principalmente o ciume. Garofalo faz notar que os socialistas italianos guardam o mais das vezes um prudente silencio sobre o casamento, e accrescenta: «Regulem o casamento como quizerem, simplifiquem-n'o até ao ponto de lhe abolir todas as formalidades, declarem plenamente livre a união sexual, que o meridional nunca deixará de ser um marido ciumento e despotico.»

Assim é. Desconhecer estes factos é desconhecer a natureza humana; é desconhecer ou negar a sciencia.

Mas quando todos esses sentimentos, reunidos, de inveja, ciume, ambição, amor proprio, etc, que se modificam com a civilisação, mas que não se apagam completamente, não fossem suficientes para produzir dissensões e crimes entre o homens, lá estavam as divergencias socialistas para fazer o resto. «Em França, como por toda a parte a esta hora, o socialismo que se impõe é o socialismo sahido da critica economica de Marx.» (Gabiél Deville—*Principes Socialistes.*) E, para o provar, Deville desembesta logo a seguir n'uma tremenda decompostura, em quem? Em Léon Say, em Laveleye, em Leroy-Beaulieu, em Paul Janet, em Ives Guyot, em Garofalo, em qualquer dos antagonistas mais ou menos acerrimos do socialismo? Não, em Benoit Malon, um dos chefes mais notaveis do socialismo contemporaneo, que os seus apuniguados ou as da sua seita levantam ás nuvens, principalmente como auctor do *Socialismo Integral*, que não é, contudo, um livro de tal valor que o auctorisado escriptor Nitti (Nitti—*La Population et Le Système Social*—edic. franceza) não possa dizer com verdade: «Desde numerosos annos estudo com grande sympathia a litteratura socialista. E, ainda que eu admire muito o espirito que a anima, sou forçado a reconhecer que desde o livro de Karl Marx, tão imperfeito e, todavia, tão grande, o collectivismo não tem produzido uma unica obra original ou profunda.»

No emtanto, Benoit Malon não era um João Ninguem do socialismo contemporaneo. Isso não obsta a que Deville, no livro já citado, lhe chame um insignificante e um asno. «Não conheço nada mais burlesco que a

pretensão de Malon a completar Marx. Por mim, recuso a sua auctoridade em todas as materias e a quem me oppozer a sua *philosophia* gritarei voluntariamente *«affaste para lá esse calice.»*

D'onde bem se vê que, á falta de propriedade, o proprio socialismo seria motivo para desordens e bulhas.

Mas quer isto dizer que o devámos repudiar, cahindo na reacção de Garofalo? De modo algum. Não ha duvida nenhuma que o movimento socialista tem um grande fundo de verdade e de justiça. Chegarmos á paz universal, á fraternidade, á felicidade perfeita, sem crimes nem perturbações de qualquer ordem, como pretendem os pregadores socialistas, é um absurdo ou é, pelo menos, obra para muito tempo. Se a perfeição humana chega até ao ponto do homem perder todos os sentimentos ruins e de-se abster voluntariamente de tudo que possa prejudicar o seu semelhante, então é certo o triumpho, não do collectivismo, contrario á natureza humana, mas do anarchismo. Tal perfeição, porém, ou é impossivel até esse ponto, como creio, ou está para uma epocha muito remota ainda. E, n'estes casos, é conveniente não perdermos tempo com tolices, nem andarmos enganando as multidões ignaras com o annuncio d'uma proxima revolução, que lhes dará a fortuna e a felicidade immediatas.

Porém, pondo de parte as nephelibatices, é incontestavel que não ha nada mais injusto que o actual regimen da distribução da riqueza. E' incontestavel que se soffre muito no mundo e que não ha direito algum a exigir que gose meia duzia em detrimento e á custa de todos os outros. E' certo que a questão social existe e que para ella não produzir tremendas catastrophes é indispensavel ir fazendo as concessões compatíveis com a evolução ao grandissimo numero dos que trabalham e soffrem. N'esta parte tem razão Benoit Malon quando diz á burguezia que a sua missão historica poderia ser ainda gloriosa e benefica.

Como escreve Boilley, entre o anarchismo e o collectivismo está um meio termo equitativo e justo, é o *socialismo reformista*.

Mas para o executarmos, para caminhar com segurança n'esse caminho de progresso social, é indispensavel ter moralidade e juizo. E' isso o que falta á sociedade portugueza, em geral, e a essa mesquinha sociedade aveirense, tão cheia de podridões e asneiras, em particular, como na carta seguinte veremos.

Já agora não quero que os d'Aveiro se queixem de que os não trato com as honrarias devidas.

A. B.

## MISSA

Diz o *Districto de Aveiro* que a familia do infeliz official de marinha Manuel José Mendes Leite mandou dizer uma missa por alma do desgraçado.

E' certo. O infeliz estremeceu na sepultura.

A missa durou vinte minutos e custou dez tostões.

Confissão geral e dura penitencia não houve, nem haverá.

impingem esses astutos vagabundos a pedirem hospitalidade.—Mas não; o filho que me desobedeceu já não é meu filho; a sua sorte é-me tão indifferente como o do mais desprezível d'esses milhões de homens que cozeram uma cruz sobre o hombro e preteuderam, a poder de excessos e de assassinos, cumprir a vontade de Deus.

Franziu as sobranceiras e fixou os olhos no chão por um instante. Ao levantál-os, as portas do fundo abriram-se de par em par, e, preceididos pelo mordomo com a sua vara branca, e de quatro criados com archotes, os hospedes da noite entraram na sala.

## CONGRESSO REPUBLICANO

Dizem os periodicos chegados aos deuses da Republica que se vae rennir um congresso republicano para eleger um novo directorio.

Então quem vae lá agora, quem vae? Quem são os do poleiro? E' o Gomes da Silva?

Deve ser. Elle sopra ao trombone? Elle pede união? Temos homem!

Desgraçada causa! Tão cheia de forças e, no fundo, sem força nenhuma!

Isto é de vér. O *pivot* é conhecido. Manuel d'Arriaga e Gomes da Silva, os dois cabelleiras. Se é a cabelleira loira, ás duas por trez não ha directorio. Lá vae ella corrida pelo vento. Se é a cabelleira sal e pimenta, ha directorio vitalicio.

A primeira cabelleira em se amuando nem tem a coragem de reunir um congresso. Arruma com o *mandato*, o *glorioso* e *howrado* *mandato popular*, como diz nos dias de sermão, para detraz da porta, e lá vae ella.

Um raio d'um partido que, dizendo-se republicano, que, fazendo do suffragio a condição essencial da sua existencia, supporta uns chefes d'alcapão!

A segunda cabelleira, essa ainda é peor. Essa então não se vae embora senão a pau. Porque o que ella quer é dizer ao José Luciano e ao João Franco:

«Cá estão elles! Tenho-os aqui!»

Que raio de partido!

## A FESTA DA BARRA

A'manhã é dia de folia para Aveiro. E' que ha festa na Barra á Senhora dos Navegantes.

Depois do meio dia quasi metade da população desaparece, como que por encanto.

A ria toma um aspecto lindissimo, surprehendente. Barcos embandeirados, botes, bateiras e guingas de pequena lotação singram as aguas em direcção á Barra. A estrada vae coalhada de carros e bicycletas; muita gente a pé cantando e dançando.

A convite dos banhistas do Pharol toca este anno uma banda de musica d'Aveiro.

Para a romaria da Senhora da Saude, na Costa Nova, tem atravessado as ruas da cidade muitos romeiros, vindos de povoações distantes.

Veio a Tavoeira visitar a sua familia, seguindo para a Barra fazer uso de banhos, o nosso amigo sr. Manuel Marques Razo, acreditado commerciante em Loures.

## CAPITULO IV

Matam successivamente as ovelhas, as cabras nédias, os porcos succulentos e a appetitosa vitella; depois d'ellas dem-nas em pedaços, que são assados e repartidos. Outros entretanto misturam o vinho nas urnas. Telemaco manda sentar Ulyses no interior da sala, perto do solio de pedra, sobre um banco grosseiro; colloca deante de elle, sobre uma pequena mesa, alguns pedaços de carne e deita-lhe vinho n'uma taça d'oiro...

ODYSSEA.

O prior Aymer tinha aproveitado o tempo para mudar o seu habito de viagem por outro mais rico, sobre o qual envergara um pluvial artisticamente bordado. Além do anel d'ouro massiço, qu

**O Calvario de Rennes**

O maior valor da poesia que se segue, e que o *Século* publicou, está na qualidade do seu autor, que, sendo militar e professor da Escola do Exército, pôe de parte preconceitos de classe, para defender a liberdade, cahindo a fundo sobre a reacção.

Bem haja.

**A HEROICA MADAME DREYFUS**

O nobre França, mãe da Liberdade, tão grande pelo genio e coração! com o Amor, a Justiça e a Igualdade formaste outr'ora um fulgido brazão.

Tem sido esse o fanal do mundo inteiro... Olhos fitos na luz que elle irradiava, caminhou a Razão, desde o primeiro clarão d'auroa que annunciou o dia.

Hoje do teu alcáçar no fastigio ha quem queira esculpir, para teu mal, com timbre, uma espada sem prestigio nas roscas da serpente clerical.

Não consintas! No teu brazão fulgente, na tua espada, lábaro sagrado, mostra, impavida, ao mundo reverente as conquistas e as glorias do passado!

Não consintas que vis paixões odiosas vão macular de sangue, e fel, e pus as palmas viridentes e gloriosas dos heroes de Jemappes e de Fleurus.

Repara que revives, na desgraça, luctas que a Ideia reputou por terra:— luctas de religião, luctas de raça, odios de classe alimentando a guerra!

Repara que renegas teu passado pondo a socaina de anteparo à luz, de carcereiro à Honra do teu soldado, e a Justiça nos braços d'uma cruz!

Quem jámais poderia ter previsto de novo este tão lugubre sudario?... Dreyfus revive as lagrimas de Christo e o tribunal de Rennes o Calvario!

Nobre França, renasce no teu brilho! resurge para o Amor e para o Bem! Quero-te muito, porque sou teu filho, e mãe da Liberdade, augusta mãe!

Mostra como inda é grande o teu soldado! tua consciencia, arranca-a ao fanatismo! Como contraste ao lustre do passado, Rennes, spoz Sedan, seria o abysmo!

Sê, como foste outr'ora, a nobre signa, em torno à qual o mundo se juntou. Perante o mundo, ergue-te altiva e digna! Rennes é bem peor que Waterloo!

De ti arreda, com a mão possante, vis paixões que não são da nossa idade. Rennes é o despotismo triumphante, sou a mascara servil da Liberdade.

Rennes é a tyrannia das casernas! é o odio e a guerra em nome de Jesus... França, amordaça as feras nas cavernas, e ergue de novo o teu pendão de luz!

Setembro, 1899.

CHRISTOVAM AYRES.

**Fallecimentos**

Falleceu na terça-feira n'esta cidade, o sr. dr. Abilio d'Albuquerque, cirurgião-mór do regimento de cavallaria 10.

O dr. Abilio era estimado entre a officialidade do seu regimento. O seu funeral foi uma manifestação sincera de pesar.

Tambem falleceu em Tavoeira Francisco Rodrigues Calafate. Era muito trabalhador. A sua morte foi muito sentida alli.

**SERVIGO DOS CORREIOS**

Queixam-se-nos varios assignantes e amigos do mau serviço do correio de Aveiro, dizendo-nos que se dão a cada passo enganões na distribuição das cartas, com prejuizo das pessoas a quem ellas são dirigidas.

Assim é, porque quem escreve estas linhas já recebeu duas vezes, em mez e meio, correspondencia que não era para elle, sem sabermos ainda se, em troca, os outros terão recebido correspondencia d'elle.

Ora nós estamos promptos a satisfazer a vontade dos nossos assignantes protestando aqui contra esse mau serviço e censurando-o tantas vezes quantas forem precisas. Mas lembramos que ha um meio mais efficaz de evitar a repetição dos desleixos e de os castigar: é uma queixa directa, para Lisboa, á direcção geral dos correios.

Dizem-nos que, além dos enganões na distribuição, a que já nos referimos, os distribuidores atiram com as cartas para as escadas das casas, pondo-se ao fresco sem esperar troco, e que praticam outras ligeiras leviandades. Contra o distribuidor no Pharol da Barra temos, então, um monte de queixas.

Pois digam isso tudo para Lisboa. Não custa nada. Meia duzia de linhas, uma estampilha de 25 réis e prompto. Lá attendem logo.

Ha tempos—pouco tempo ainda—mandaram de Coimbra para uma terra da Beira Baixa uma carta sobrescritada para um amigo nosso, official do exercito. Ia o nome no sobrescripto e, por baixo: «Capitão do Regimento tal.» A carta foi devolvida para a estação de Coimbra com a nota: «Já cá não está.» Em Coimbra averiguaram onde estava o destinatario e para lá lhe remetteram a carta.

O destinatario pegou n'uma folha de papel e escreveu ao sr. director geral dos correios: «A missão dos correios não pôde ser inferior á dos moços de recados. Eu mando um moço levar uma carta a qualquer parte e se o moço não encontra lá a pessoa a quem ella é dirigida, indaga, procura saber onde ella está para me informar. Se no sobrescripto da carta diziam que eu era capitão do regimento aquartelado na localidade, bastaria que o correio fosse perguntar por mim á secretaria d'esse regimento para lá lhe dizerem onde eu estava. E para onde eu estava me mandavam a carta. E tanto esta é a boa dou-

trina, que o correio de Coimbra, sem obrigação, esse, de o fazer, a applicou. Espero, pois, que v. ex.ª se digne prestar a sua attenção a este caso».

Passados dias, o nosso amigo, que ainda ante-hontem nos contou isto, recebeu uma carta de um empregado superior dos correios em que este lhe dizia, por ordem do director geral, que o mesmo director lhe dava razão e que mandara castigar o distribuidor e o encarregado da estação telegrapho-postal da tal terra da Beira Baixa.

Por consequente, ficam os nossos assignantes e amigos d'Aveiro sabendo: se as irregularidades se repetirem queixem-se para Lisboa e verão como o sr. director do correio de Aveiro e os empregados que forem menos zelosos e cuidadosos apanham um calor. Que forem menos zelosos, dizemos, porque não faltará no correio de Aveiro quem saiba cumprir com o seu dever. As excepções não prejudicam a regra geral.

Junto com as queixas enviem os sobrescritos das cartas ou quaesquer outros documentos que comprovem a accusação.

Ora não se esqueçam.

Por nós, livrem-se elles de nos fazer alguma!...

Muita coisa perdaremos, menos a falta de zelo e de disciplina no serviço publico.

Contra essa somos implacaveis, por sabermos que é ella uma das causas principaes da desgraçada rotina d'este paiz.

Trabalhem, cumpram a sério com os seus deveres, que nós fazemos o mesmo, e para isso nos paga a todos a nação.

**POVO DE AVEIRO**

Este periodico vende-se todas as segundas-feiras na tabacaria MONACO, á Praça de D. Pedro—Lisboa.

**Opinião d'um medico Inglez**

Um medico inglez que foi ha dias ao Porto, commissionado pelo seu governo, estudar a peste, e que é considerado como um dos mais auctorisades do seu paiz para o estudo de epidemias, considera benigna a doença que está grassando n'aquella cidade; mas, naturalmente, alarmado com o estado de completo abandono hygienico em que tem visto os pontos que visitou, acredita que ella recrescerá, continuando tão imperdoavel desmazello.

O desleixo e a incuria a que tem sido votado o Porto são pelo distincto medico apodados de crime.

pontas da sua ordem, de velludo preto. Já não trazia o barrete na cabeça, que era coberta sómente pela sua cabelleira naturalmente anelada e negra como azeviche, e que se harmonisava perfeitamente com a sua pelle em extremo queimada. Nada se pôde imaginar mais graciosamente magestoso do que o seu andar e as suas maneiras, se não fosse um ar constante de altivez, que o exercicio de uma auctoridade illimitada dá quasi sempre á phisionomia.

Estes dois personagens importantes eram seguidos pelos seus respectivos servidores e, a uma distancia mais humilde, do individuo que lhes servira de guia e que não tinha nada de notavel além do trajó de peregrino. O capote ou manto de grosseira sarja preta que o envolvia inteiramente tinha pou-

co mais ou menos a forma do dos bussars inglezes, como uma romeira para proteger os braços; dava-se-lhe o nome de *sclavayn* ou *sclavonian*. Sandalias grosseiras seguras por correias aos pés nus; um grande chapéu, de abas cahidas e cobertas de couchas; e um comprido vara-pau ferrado e ornado na parte superior de um ramo de palmeira, completavam os adornos do romeiro. Elle seguia modestamente atraz de todos os que entraram na sala; e notando que a mesa baixa mal chegava para os servos de Cedric e o sequito dos dois hospedes, foi sentar-se sobre um banco que estava sob uma das chaminés e pareceu occupar-se em enxugar a roupa, esperando que alguém lhe cedesse o seu logar ou que a hospitalidade do mordomo lhe fornecesse alguns alimentos no sitio afas-

**Phylarmonicas de Aveiro**

Teem feito figura as nossas duas phylarmonicas, como de costume, nas ultimas festas a que teem concorrido.

Estimamol-o. Nós, que não temos paixão pela velha nem pela nova, mas por tudo que é bello e representa civilisação e progresso gostamos d'ellas ambas, porque ambas ellas são muito boas e satisfaz-nos ver que tanto uma como outra honram o nome de Aveiro quando vão tocar lá fóra.

O que era escusado era o tal modernismo de *Banda dos Bombeiros Voluntarios*, que cheira um pouco a pretensão e, por consequente, a pedantismo.

A musica velha, aliás muito boa, sabia-nos melhor com o seu antigo nome de *Phylarmonica Amizade*.

Recommendamos á musica nova que não vá na esteira e que se deixe ficar com o seu antigo nome de *Phylarmonica Aveirense*, que está muito bem.

**Noticias militares**

Segundo a ordem do exercito n.º 14, ultimamente publicada, são extintos os regimentos de cavallaria 9 e 10. O regimento 10, aquartelado n'esta cidade, passa a ser o n.º 7. O 4.º esquadrão d'este corpo será formado com as praças das 5.ª e 6.ª companhias do regimento de cavallaria 7, que estava em Bragança. O regimento aquartelado em Aveiro fará parte da 2.ª brigada da arma.

Enquanto não for decretada a nova divisão territorial, continuarão a exercer as suas funções os actuaes commandantes dos districtos de reserva.

Acabam os segundos commandantes das divisões militares. São restabelecidos os generaes de brigadas.

**Lamentavel desgraça**

Deu-se uma grande desgraça na Costa Nova. Varios rapazes foram nadar á ria na quarta-feira de tarde. Um d'elles, que era filho do sr. Domingos Cardoso, afogou-se.

Foi uma grande afflicção para o pae e para a desgraçada mãe. Comprehendemol-a e sentimol-a.

**Um caso engraçado**

Ha dias, o Laboratorio Municipal do Porto, recebeu aviso anonymo de que na freguezia de Canellas, em Villa Nova de Gaya, se dera um caso de peste bubonica, informação seguida do nome do enfermo e residencia. Immediatamente para alli partiu o carro da desinfeção e uma maca, destinada á condução do doente, material que um taberneiro da freguezia viu estacar de subito em frente da portá do seu estabelecimento.

— E' aqui que mora o sr. Fulano? perguntou um dos empregados da desinfeção.

— Sou eu mesmo.

— Pois então salte para a maca, que trazemos ordem de o levar para

o Porto, a fim de ser recolhido ao hospital.

— Eu? pergunta livido o taberneiro. Os senhores estão enganados. Tenho saude por dez; não preciso de medicos, nem de hospital, graças a Deus!

— Isso depois se verá lá no Porto; salte para a maca, que é a sua obrigação.

— Mas...

— Salte, homem, avie se!

— Oh! senhores, isso é engano com toda a certeza!

— Você não se chama Fulano?

— Chamo, sim, senhor. Mas eu estou bom! Esperem lá!... Cá na freguezia ha outro individuo com o meu nome. Façam favor de ir ver se será com elle.

E jindicou-lhes a morada do seu homonymo. O carro da desinfeção e a maca seguiram immediatamente para a casa apontada.

— O sr. Fulano de tal?

— Sou eu, respondeu um homem que, em cima d'uma figueira, se estava deliciando com os fructos da arvore.

— Trazemos ordem de o transportar immediatamente para o Porto n'esta maca, e o carro vem desinfectar-lhe a casa.

— Hom'essa!

— E' verdade; o senhor está doente e, portanto, não deve recalcitrar. Salte para a maca e vamos embora.

— E' boa, sim senhor! gargalha o homem, empoleirado em cima da figueira. Quem é que lhes disse que eu estava doente? Ora vão para o raio que os parta, senão agarro n'um marmelleiro e corro-os!

— Então você não está doente?

— Eu não; só se adoecer com a tarraçada de figos que comi agora!

**TRENS DE ALUGUER**

FERNANDO HOMEM CHRISTO

**Rendimento do pescado**

O producto do pescado, no mercado d'Aveiro, durante o mez d'agosto, segundo uma estatistica da alfandega d'esta cidade, foi de 91:211:867, que é distribuida da seguinte forma:—Costa de S. Jacintho 20:743:560 rs.; Torreira 16:324:840 rs.; Espinho, 12:705:500 réis; Paramos réis 9:110:865 réis; Furadouro réis 12:930:887; Costa Nova réis 7:991:240; Mira 6:105:030 rs.; e Arião 27:700 réis.

Na praça d'Aveiro o peixe vendido produziu 1:379:340 rs.; na Pardelhas 2:129:055 rs.; na de Ovar 808:300 réis; na de Ilhavo 421:600 rs.; no posto da Barra 33:400 rs.; só o valor da sardinha foi de 84:151:368 rs.; o peixe de diferentes especies réis 5:380:802; o birbigão 136:265 rs.; o caranguejo (mexalho) réis 779:660; e o camarão e outros mariscos 763:685 réis.

Deprehende-se d'aqui que entram n'estas verbas não só os contingentes do mar, mas tambem os da ria de Aveiro.

digno *thane*, comquanto esta palavra seja um pouco antiquada, os votos devem-se cumprir. São nós que nos ligam ao céu, são as cordas que nos prendem a victima ao altar, e, como eu dizia, não devemos quebral-os ou desfazer-mos d'elles, salvo quando a nossa Madre Igreja resolver o contrario. Quanto á lingua, eu terei muito gosto em falar na de minha respeitada avó, Hilda de Middleham, que morreu em cheiro de santidade, quasi como a sua gloriosa homonyma Santa Hilda de Whitby. Deus tenha a sua alma em descanço!

Logo que o prior acabou de pronunciar estas palavras, de intuito conciliador, o seu companheiro accrescentou em tom breve e emphatico:

— Eu falo sempre em francez;

indicava a sua dignidade, os seus dedos estavam carregados de pedras preciosas, apesar de isso ir contra os canones; as suas sandalias eram do coiro mais fino que tinha sido importado de Hespanha; tinha a barba cortada o mais que lhe permitia a sua ordem; e a sua corôa occultava-se sob um barrete escarlate, ricamente bordado. O exterior do cavalleiro templario tambem mudara; e, comquanto menos carregado de ornatos, o seu vestuário era tão rico e o seu ar mais imperativo que o do seu companheiro. A' cota de malhas substituiu um saio de seda côr de púrpura escura, guarnecida de pelles, por cima do qual trazia a sua comprida capa, de uma branca deslumbrante, cahindo em largas pregas. N'esse manto, por sobre o hombro, destacava-se a cruz de oito

ARMAZENS  
DA  
**BEIRA-MAR**  
DE  
**MANUEL GONÇALVES MOREIRA**

PRACA DO COMMERCIO, 19 A 22  
R. DOS MERCADORES, 1 A 5

**AVEIRO**

D'aqui levarás tudo tão sobejo  
(Luz. Cam.)

Preços fixos VENDAS SO A DINHEIRO

**CONFECÇÕES:**

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão. Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rum e vinho (qualidade garantida).

Unico depósito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e corôas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

**N. B.—Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.**

**FABRICA A VAPOR**

DE  
**MOAGEM DE TRIGO E MILHO**

DE  
**Manuel Homem de C. Christo**

Vendas de farinhas, sêneas e arroz nacional.

Compras de milho, trigo e arroz com casca, tanto por junto como a retalho.

RUA DA ALFANDEGA

**AVEIRO**

ATELIER DE ALFAETERIA

DE

Joaquim Ferreira Martins

(O GAFANHÃO)

R. da Costeira—AVEIRO

ESTE antigo e acreditado estabelecimento de alfaeteria encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e barateza fatos para homem e creança, o que para isso tem um lindo sortimento de fazendas proprias para verão.

Espera tambem por estes dias um grande sortimento de fazendas, o que ha de mais moderno, para a estação do inverno.

Como está tambem para chegar a epoca dos varinos já tem para isso as fazendas encomendadas.

Ficam d'isto prevenidos os nossos freguezes e amigos.

**Hotel Cysne  
Boa-Vista**

**AVEIRO**

Recommenda-se pelo  
accio e seriedade  
com que se  
trata

Excellente serviço  
de meza

**Vinho de Bucellas**

VENDE-SE a 160 réis a garrafa  
no estabelecimento de

**José Gonçalves Gamellas**

Praça do Peize—AVEIRO

Previne o publico que só affiança a qualidade do vinho vendido no proprio estabelecimento, para evitar que vendam com a mesma marca outra qualidade de vinho.

**OFFICINA DE CALÇADO**

DE

**João Pedro Ferreira**

AOS BALCÕES — AVEIRO

NESTA antiga e acreditada officina de calçado executa-se com toda a perfeição tanto para homem como para senhora e creanças toda a qualidade de calçado o que ha de mais chic.

Garante-se a solidez e economia de preço.

é a lingua do rei Ricardo e da sua nobreza; mas comprehendendo o inglez bastante para entender os naturaes do paiz.

Cedric lançou-lhe um d'esses olhares colericos e impacientes que a comparação entre as duas nações rivaes raras vezes deixava de lhe provocar; mas, lembrando-se dos deveres da hospitalidade, abafou qualquer outro signal de resentimento e com o gesto convidou os seus hospedes a sentarem-se sobre duas cadeiras um pouco mais baixas que a sua; depois deu ordem para que trouxessem a ceia.

Enquanto os creados tratavam de dar cumprimento a esta ordem de seu amo, este avistou Gurth, o guardador de porcos, que em companhia de Wamba acabava de entrar na sala.

— Tragam-me cá esses dois ma-

draços! exclamou elle com impaciencia; e logo que elles se approximaram do solio:—Perque foi que viestes tão tarde, marotos? Trouxeste o teu rebanho, velhaco? continuou dirigindo-se a Gurth, ou deixaste-o apanhar pelos ladrões e bandoleiros?

— Ha de perdoar, meu amo, mas o rebanho está completo, respondeu Gurth.

— O que eu te não perdôo, mariola, disse Cedric, é ter passado duas horas a suppôr o contrario e a imaginar planos de vingança contra os meus visinhos por prejuizos que elles me não fizeram. Previno-te que a primeira vez que isto te torne a acontecer mando-te pôr a ferros e metter na cadeia.

Gurth, que conhecia o temperamento irritavel de seu amo, não tentou desculpar-se; mas o bobo,

que, em razão dos privilegios do seu titulo, contava com a indulgencia de Cedric, respondeu pelos dois:

— Realmente, tio Cedric, esta noite estaes pouco razoavel.

— Que é lá? Nada d'essas liberdades, se não queres, apesar de seres um doido, ir provar uns açoites ao quarto do porteiro.

— Mas antes d'isso diga-me a vossa sabedoria, replicou Wamba, se é justo e razoavel punir uma pessoa pela falta d'outro?

— Não, certamente.

— Então, nosso tio, porque queires punir Gurth pela culpa do seu cão Fangs? Porque eu juro-vos que não perdemos um minuto no caminho, depois de junto o rebanho; mas Fangs só conseguiu reunil-o quando ouvimos o toque da tarde.

— Pois se Fangs é que é o cul-

pado, disse elle voltando-se para Gurth, enforca-o e arranja outra cão.

— Com vossa licença, nosso tio, tornou o bobo, isso ainda seria um attentado contra a pura justiça. Porque Fangs não tem culpa de estar estropiado e não poder juntar o rebanho; a culpa tem-na quem lhe arrancou as unhas dianteiras, operação que elle de certo não teria consentido se o tivessem consultado.

— E quem ousou estropiar o cão do meu escravo? bradou o sa-xão ardente em furia.

— Ora! foi o velho Huberto, o guarda-caça de sir Philippe de Malvoisin, respondeu Wamba. Apanhou Fangs vagueando pela floresta e disse que elle andava á caça dos veados, violando os direitos de seu amo, a quem pertence a guarda da floresta.

— Os diabos levem Malvoisin e o seu guarda! exclamou o sa-xão. Eu lhes ensinarei que nos termos da grande Carta das Florestas esta não é privilegiada. Mas deixemos isso. Doido, vae para o teu logar; e tu, Gurth, procura outro cão, e o guarda que lhe toque: eu seja amaldicoado como um covarde se não cortar o index da mão direita a esse famoso frecheiro! Eu vos prometto que elle não ha de tornar a puxar mais a corda do arco. Perdoe-me, meus dignos hospedes. Eu estou aqui cercado de visinhos que se podem pôr a par com os vossos infieis da Santa Santa, sir cavalleiro. Mas um modesto banquete está á vossa espera; servi-vos e que a boa vontade vos faça esquecer a qualidade ordinaria dos manjares.

(Continúa.)

Rua Direita (Largo do Manuel Maria)

**AVEIRO**

**FERRAGENS,** zinco, chapa zincada, chumbo em barra e em pasta, estanho, prégos, parafusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó, vernizes, oleo, aguarraz, alcool, brochas, pinceis, cimento, sulfato de cobre e de ferro, chloreto, enxofre, gesso de estuque, vidraça, telha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papelão, artigos de mercearia e muitos outros.

A' venda no estabelecimento de

**Domingos José dos Santos Leite**

**RUA DO CAES**

**AVEIRO**

**TYPOGRAPHIA**

DO

**POVO DE AVEIRO**

Encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e economia todos os trabalhos de impressão, taes como: cartões de visita, participações de casamento, mappas, facturas, livros, jornaes, etc, etc.

**RUA DE S. MARTINHO**

**AVEIRO**